TOMO IV I XXIII / II / MMXXVI

JORNAL O CAJU

JORNAL LITERÁRIO, CIENTÍFICO E CULTURAL

Lentus et constans

Das alegrias e dores

O Caju é teu. Recebe-o, devoto leitor. Reconhece que, nas páginas deste humilde periódico, habitam a alegria e a dor de nossa gente. É o Caju aquela voz que tu desejavas, ó amada terra, quando te emancipavas há mais de cinquenta anos: a voz capaz de alcançar os mais recônditos lugares de nosso território, vislumbrando todas as gentes — as humildes e as orgulhosas — em prol de um interesse sublime: a felicidade deste rincão.

Sim, o Caju é a alegria de nossa gente. Trovador da arquitetura excelsa de nossa arte, de nossa poesia, de nossa Matriz e de nosso Arco; do amor anônimo e manifesto; das pessoas comuns nas praças, esquinas e ruas, e, sobretudo, da beleza da mulher belacruzense — nossas rainhas. Nossa maior alegria é a liberdade. Ainda somos capazes de honrar a municipalidade emancipada pelo esforço e pelo sacrifício dos ilustres que nos antecederam. Não somos escravos de ninguém. Antes, pesa-nos apenas a consciência, que nos brada: "Vê. Cultiva a esperança. Sê fiel aos teus valores. Persevera".

D'outro lado, o Caju não nos priva da lembrança da dor. A dor recorda-nos que ainda estamos vivos, razão pela qual lutamos. Lutamos por este projeto de município à luz do sonho de nossos antepassados. Eles ainda nos falam. Suas obras permanecem entre nós: uma poesia de Nicodemos, uma escultura de Joca Lopes. Tudo, absolutamente tudo, fala-nos. Escuta atentamente a voz de cada um, prudente leitor.

Este Caju, tal como já afirmei, não se calará diante das dores de nossa gente, hoje quase escravizada pela violência infamante e por tantas outras mazelas. Não se calará diante da criança que chora silenciosamente no réquiem da mãe ausente; nem diante dos caídos e esquecidos nas ruas; nem diante daqueles que sobrevivem do que a cidade descarta. Por isso, deseja resgatar respeitosamente a história de suas agonias, eis que o esquecimento não é o remédio adequado para sanar todas as feridas abertas. Não esqueçamos que este projeto, almejado por nossos antepassados, só prosperará pela concórdia e pelo sacrifício de interesses vulgares e efêmeros, em favor de uma generosa aliança alicerçada na felicidade de nosso povo, sempre instruído por sua história e por sua cultura.

Não importará o lugar de nossa terra: seja na zona urbana, seja na rural, este Caju, alegria de nosso regaço, desejará alcançar-te. Eis o instrumento de nossa concórdia e de nosso entusiasmo; a prova de nosso amor por esta terra e de nossa liberdade, uma vez que nascemos livres — apenas nos falta, por vezes, o devido conhecimento. Não permitamos que tal dom, firmado no sangue ancestral, pereça neste século.

Todos os interesses vulgares e egoístas caducam. Permanece, porém, este rincão, tão rico e talentoso quanto seus vizinhos! Incumbe-nos apreciar suas belezas, cantar suas alegrias e lamentar suas dores, cientes de que, deste sacrifício altruísta de nossas forças, perpetua-se a identidade belacruzense neste estado alencarino, não como mais uma, mas como única. Única e autêntica, tal como sonhada há mais de cinquenta anos. Eis a Bela Cruz.

Eis o Caju, diligente servo desta princesa nascida no Baixo Vale do Acaraú, em seu tomo n. IV. Esse príncipe consolará as tuas dores e regozijar-se-á contigo em tuas alegrias. Ele não te abandonará.

Fraternalmente,
Cajueiro-mor

A memória que nos sustenta

Em seus 69 anos de emancipação política, Bela Cruz não festeja apenas o tempo que passou, mas reafirma as histórias que a fundaram: as vozes que resistiram, os passos que insistiram e os sonhos que atravessaram décadas até se tornarem realidade. A alegria do aniversário carrega, em sua origem, o peso invisível das lutas que moldaram este chão. Nossa origem é tecida entre alegrias e dores: vitórias públicas e sacrifícios anônimos, festas e enfrentamentos, memórias luminosas e batalhas esquecidas, como na imagem de uma velha mulata que ri e chora ao narrar suas lembranças em uma cidade que se anunciava como promessa.

Das Primeiras Comitivas à Emancipação

Espírito Inquieto

Naquela manhã, sob a sombra generosa de frondosas mangueiras, a alegria radiante da multidão misturava-se a um passageiro chuvisco, enquanto a caneta chancelava o decreto oficial da Lei nº 3.538, lançando luz sobre a história. Ali se consolidava uma longa caminhada: importantes comitivas, de Nicácio a Odécio, haviam percorrido quase meio século até alcançar a redenção política. Já se percebe, à distância do tempo, que por trás de conquistas simbólicas repousam lutas primitivas, a princípio infrutíferas, travadas a muitas mãos. No calor das vitórias, rostos empoeirados pela história acabam esquecidos, pouco enaltecidos, assim como suas bandeiras e sacrifícios. Em meados de 1906, os líderes políticos João Batista da Silveira, o professor Nicácio Barbosa Cordeiro, Miguel Lopes de Araújo Costa, Gabriel Florêncio de Vasconcelos, José Lopes da Silveira e Francisco Romão de Carvalho deram os primeiros passos rumo a essa grande empreitada. Décadas se passaram até que, em 1953, o jornal O Acaraú estampasse um editorial comentando a divisão territorial brasileira e destacando a possibilidade de o Distrito de Santa Cruz elevar-se à categoria de município. Ainda em setembro daquele ano, o líder político José Ludgero da Silveira apresentou à Assembleia Legislativa do Ceará um requerimento assinado por 130 eleitores do distrito, pleiteando sua emancipação. Contudo, em sessão extraordinária, a Câmara Municipal de Acaraú negou aprovação ao projeto. Intelectuais e lideranças locais lamentaram a negativa, encorajando a educadora Maria Neuda Vasconcelos Silva, residente em Fortaleza, a escrever um artigo no jornal O Acaraú em apoio ao movimento de emancipação política daquele distrito ribeirinho, mantendo acesa a chama da luta outrora iniciada. A nova propositura, agora mais robusta e orientada pelo futuro relator, o deputado Manoel Gomes Sales, foi, em 1956, encampada por líderes políticos da época, com destaque para o ilustre Mário Domingues Lousada. O projeto obteve êxito, sendo aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Acaraú. Em 20 de setembro do mesmo ano, a Assembleia Legislativa do Ceará recebeu oficialmente o processo de criação do Município de Bela Cruz.

A mesa diretora nomeou, então, a junta plebiscitária encarregada da consulta popular, composta pelos senhores Padre Odécio Loiola Sampaio, Francisco das Chagas Silveira e Manoel Nicodemos Araújo.

O plebiscito foi aprovado, expedindo-se o diploma legal que instituía essa nova unidade cearense, tendo como relator o deputado Manoel Gomes Sales.

O grande dia chegaria em 23 de fevereiro de 1957, quando Bela Cruz foi elevada à categoria de município, após a assinatura do governador Paulo Sarasate Ferreira Lopes, legitimando a Lei nº 3.538. Em paralelo a essa cronologia, articulava-se nos bastidores uma figura decisiva: o belacruzense Coronel Manoel Duca da Silveira. Munido de prestígio político e de uma alma profundamente apaixonada por sua terra natal, foi ele quem impulsionou a elevação do distrito à condição de município. Mário Domingues Lousada, influente líder político local, exerceu o cargo de subprefeito e liderava politicamente o distrito, contando com o apoio do deputado Manoel Gomes Sales, genro do então Coronel Manoel Duca da Silveira. Para viabilizar a aprovação da propositura, era imprescindível o apoio político no município de Acaraú. O Coronel Manoel Duca da Silveira, pai de Geraldo Benoni Silveira — prefeito de Acaraú à época —, detinha maioria na Câmara Municipal, sendo peça-chave para influenciar decisivamente esse processo. Nem sempre o que está no papel revela a verdadeira labuta do suor, dos rostos e das mentes empenhadas em feitos grandiosos. Segundo o escritor Nicodemos Araújo, "a voz primeira que se ouvia a pleitear a nossa emancipação foi a do então dedicado belacruzense Capitão Miguel Lopes de Araújo Costa, que hoje dá nome a uma rua de nosso município. E foi assim que se deu a nossa independência política — e, por que não dizer, também cultural —, construída a muitas mãos e por meio de incansáveis lutas, lutas estas que devem ser sempre lembradas e valorizadas por todos nós.

O GOVERNADOR PAULO SARASATE ASSINANDO A LEI QUE CRIOU O MUNICIPIO DE BELA CRUZ. VÊ-SE TAMBEM OS DEPUTADOS VIRGILIO TAVORA E MANOEL GOMES SALES, CEL MANOEL DUCA DA SILVEIRA, PE. EGBERTO ANDRADE E OUTROS.

22/02/1957

Em meados de 1950: Discurso pró município de Bela Cruz

Maria Neuma Vasconcelos Carvalho

...E o que vemos? Nenhum estabelecimento próprio para escola possuímos e agora que o proprietário do prédio onde funcionam as nossas escolas privou-nos do uso do mesmo, deixando-nos desamparados, visto não ser propriedade das Escolas. Lamentamos que fiquem 120 crianças sem escola. As professoras trabalham unicamente para o cumprimento de seus deveres; sem prédio confortável, sem material e sem auxílios públicos. Um dos fatores de primeira ordem no campo do progresso e em qualquer setor da vida humana é a cultura. E infelizmente falta assistência às nossas escolas. É necessário que haja esta compreensão, pois tudo isto virá contribuir para a grandeza de nossa terra.

A instrução é a base do progresso de uma terra.

Estai convictos: criado nosso município e sendo dirigido por homens empreendedores, haveremos de ver a incrementação do progresso de nossa terra, em todos os setores da vida: prédios para escola, luz, açude, auxílios para nossos agricultores; enfim, muitas outras cousas, porque nada nos é contemplado.

Precisamos zelar nossa terra, olhar para o bem da população, a fim de solucionar os seus problemas. Vivemos isolados, esquecidos, neste rincão querido, mas a culpa é nossa.

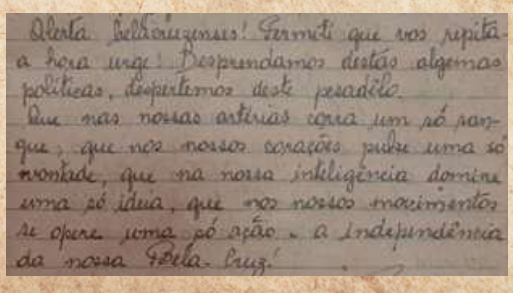
Saí do vosso comodismo e trabalhai para o progresso da nossa terra. Todos nós, belacruzenses, devemos trabalhar por este rincão que tanto merece a nossa estima, procurando vê-la mais gloriosa, feliz e progressista.

Oxalá que nenhum belacruzense ficasse indiferente a este movimento. A riqueza que tem Bela Cruz possuindo terras dadivosas para o plantio de mandioca, algodão, cereais, seus carnaubais e vemos que tudo isto tem seus impostos a pagar.

E o que adquirimos? Deixar a terra que nos serviu de berço, mergulhada no abismo, sem auxílio, sem progresso!

É lamentável, belacruzenses! Se for necessário votação para a criação do nosso município, [ilegível] negueis o vosso voto e nem exijais remuneração por este voto, vinde mesmo oferecer vossos serviços. Tenham uma única aspiração, um só desejo: a independência de nossa Bela Cruz. A prosperidade, a grandeza de uma terra está na união de seus filhos.

Dirigimos, portanto, nosso apelo a todos os belacruzenses. Avante, pois, para o progresso de nossa Terra.



Alerta belacruzenses! Permiti que vos repita a hora urge! Desprendamos destas algemas políticas, despertemos deste pesadelo. Que nas nossas artérias corra um só sangue, que nos nossos corações pulse uma só vontade, que na nossa inteligência domine uma só idéia, que nos nossos movimentos se opere uma só ação - a Independência da nossa Bela Cruz!

Um passeio na praça...

Elias Ferreira Marques Júnior

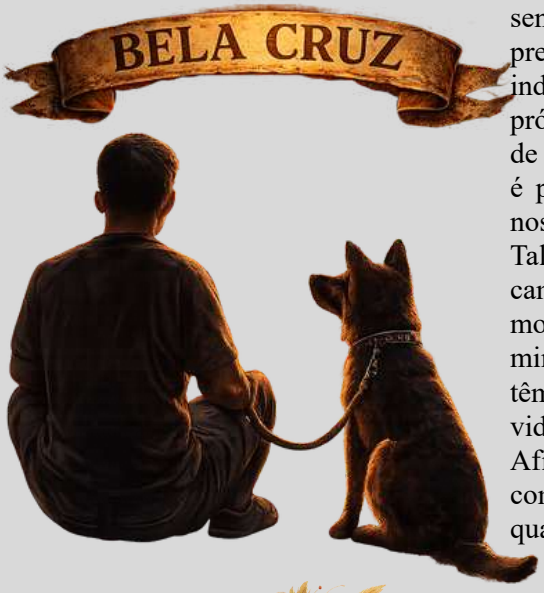
Nunca escondi de ninguém minha satisfação em ter visto a praça da prefeitura reformada. Bem. Poder chamá-la de praça da prefeitura no lugar de praça do cemitério é também um grande progresso. Afinal, parece que apenas os documentos oficiais usam o nome praça Júlio França. De todo modo, o clima leve com crianças brincando e pessoas se exercitando torna este lugar muito agradável para um passeio no fim da tarde, especialmente para os donos de animais que cumprem com seu ofício de caminhar com seus companheiros.

Em um destes passeios, percebi que estavam montando uma estrutura para a comemoração de mais um ano de emancipação do município. Imediatamente, veio-me à mente a lembrança de um colega de escola cujo nome não me recordo. Ele certa vez havia nos contado que era emancipado. Até então só havia ouvido falar de emancipação de municípios. Mas, pela explicação que nos deu, entendi que era como ficar de maior, mesmo ainda não tendo 18 anos. Por um momento, então, senti-me confuso. Como um lugar fica de maior? Ou melhor, o que seria ficar de maior?

Olhando para um bichote que passava de moto como um louco desembestado, pensei o óbvio. É deixar de ser de menor!

Porém, dizer que algo é ser diferente de seu contrário não ajuda muito. Então, o que há de especial em ser de menor? Acho que isso parece simples! É ter outra pessoa para assumir a responsabilidade pelos meus atos. Sendo assim, ser de maior ou emancipado deveria ser algo como ser responsável por suas ações.

O velho Kant nos diria que uma maioridade, pelo menos do ponto de vista intelectual, seria a coragem de pensar por si mesmo.



Ora, nesta perspectiva a emancipação poderia ser tida como uma autonomia de pensamento, como uma disposição para assumir a responsabilidade por seus juízos. Por sua vez, a menoridade seria um amparar-se demasiadamente naquilo que são os pensamentos e decisões de outrem. Um sinal de infantilização pessoal, no qual se busca uma figura de autoridade para delegar-lhe a responsabilidade por suas escolhas.

O menos velho Sartre diria que estas pessoas que buscam não assumir a responsabilidade por suas escolhas agem de má-fé. Porém, não tomemos má-fé no sentido de deliberadamente buscar o prejuízo de outrem ou uma vantagem indevida. Mas sim como uma negação da própria liberdade. Pois sendo, nas palavras de Sartre, condenados à liberdade, não nos é permitido fugir da responsabilidade por nossas escolhas.

Talvez este breve devaneio durante minha caminhada pela praça só tenha me mostrado que muitas pessoas pensam como minha tia. Que vida boa a dos animais que têm um tutor para cuidar deles por toda a vida e tomar todas as decisões por eles. Afinal, nunca vi nenhum destes companheiros angustiado por não saber qual coleira deveria usar hoje.

Rebento

Plenilúnio

Bela e formosa lucina.
Que resplandece do céu
O teu cariz de menina
Faz bem e fascina
Aqueles que ti fitam ao léu
És inspiração do menestrel
Quando nas noites se ilumina
Contemplo-te alabastrina
Entre nuvens feito um véu
Oh noctívaga retirante
Que se eleva no instante
E se esvai singularmente
Fico aqui com teu semblante
Pois teu brilho cativante
Guardarei eternamente

Dentro de mim!

Sinto-me como um barco à deriva
norteado por indomáveis ventos.
No mar revolto e turbulento
sigo uma confusa rota
a qual não consigo avistar
meu próprio horizonte.
E quando finalmente
ancoro em um porto seguro
vem ternas ondas que me induzem
novamente a velejar

Plínio Silveira

Bela Cruz tem uma rica tradição em blocos carnavalescos. Já no início do século XX, mais precisamente em fevereiro de 1913, organizou-se, na então povoação de Santa Cruz, o primeiro bloco de Carnaval, constituído pelos seguintes foliões: Laurindo Lopes, Opério Silveira, Francisco Paiva, Cosme Silveira, Raimundo Sabino, José Estenislau Araújo, Minervino Lopes, José Paiva, Tobias Silveira, José Bernardino Araújo e Leorne Silveira.

O grupo usava roupas de fazenda fina e bem alinhadas, além de máscaras de massa confeccionadas pelo artista massapeense Juca Lopes. Alguns foliões vestiam trajes femininos, enquanto um deles se exibia caracterizado de Satanás, fazendo piruetas — era o "cão do Carnaval", arrancando gargalhadas dos espectadores da época.

Décadas depois, os carnavais continuaram animados, alcançando o apogeu com grandes blocos como Massa Real, Camisa de Vênus, Os Piratas, Energia, entre outros. Esses grupos marcaram a cena cultural do município, transformando o Carnaval em uma época de efervescência artística e de pujança econômica local, tendo como pano de fundo a alma criativa e plural do povo belacruzense.

Bela Cruz além dos Cajueiros

Padre Lucas Barbosa

Das mais variadas expectativas sobre um escritor, uma, em especial, me parece a menos incerta: o escritor precisa ser um bom observador. Desde que recebi o honroso convite para escrever ao jornal O Caju, não pude conter a inquietação. Relatar minhas impressões sobre Bela Cruz, onde resido há pouco mais de um ano, não será tarefa tão fácil. Talvez um confiável check-up de uma terra seja mais esperado de um nativo profundamente conhecedor de seu torrão natal, e não de um clérigo recém-ordenado oriundo de Massapê, no sopé da serra da Meruoca. Mas, de fato, os trabalhos pastorais de uma paróquia, como a de Bela Cruz, nos exigem uma minuciosa observação sobre os costumes, calendários, geografia, política e, sobretudo, a fé de um povo. É o que tentarei descrever em poucas e singelas palavras acerca desta terra que tem nos acolhido tão calidamente.

Devo dizer, com efeito, que pouco sabia sobre Bela Cruz até novembro de 2024, quando meu estágio pastoral fora oficializado. Recordo-me, com carinho, a primeira vez que nesta terra pisei. Foi por ocasião do jubileu de ouro de ordenação sacerdotal do querido Monsenhor Assis Rocha, sobre o qual ainda hei de escrever. Em geral, o que eu sabia era sobre a forte religiosidade da região do Baixo Acaraú. E isto me fora facilmente confirmado. Cheguei em definitivo nesta terra no dia 09 de janeiro de 2025. Em decorrência da posse solene do Padre Eudes Cruz, a paróquia se preparava com alegria para acolher seu novo pastor. Senti que pouco lembram do estagiário que, com o pároco, viria para ajudar nos afazeres pastorais e concluir sua formação antes da ordenação. Acanhado, inicialmente só pude contar, entre os munícipes, com o casal Janaína e Carlão, que sempre me foram muito afáveis.

Acostumado com o branco da caatinga, cortado e contrastado pelos carnaubais que margeiam o rio Contendas, não pude ignorar o perene verde que irrompe qual um milagre logo no triângulo de Morrinhos e vai descendo até as pancadas do mar. Contudo, forasteiro inesperado, olhares desconfiados. Foi assim que me senti nos primeiros dias. O tempo foi passando e, sem alarde, fui ganhando a simpatia de muitos. Pude facilmente perceber que, além dos cajueiros, Bela Cruz estava rodeada de hospitalidade. Percebi também que a acolhida desta terra tem o doce sabor de cajuína.

Não é, todavia, pela paisagem que se conhece plenamente uma cidade. É pelo seu povo. Tomando-me pela mão, o povo de Bela Cruz fora aos poucos se sensibilizando à perícope "Fui um estrangeiro e vocês me acolheram" (Mt 25, 35). Hoje, nomeado vigário paroquial da paróquia Nossa Senhora da Conceição, sinto-me comprometido com a vida deste povo. Durante um ano, pudemos visitar as escolas, hospital, estabelecimentos, conhecer as lideranças, os trabalhos de base e toda a verve espiritual do belacruzense. Por isso me referi à vida do povo, pois esta abarca toda a completude do ser humano. E se por um lado os belacruzenses me receberam em obediência à passagem dos "Benditos do meu Pai", por outro eu devo responder "Eis-me aqui", eu vim para servir.

Autores da Terra

Em alusão ao aniversário do nosso município, destacamos alguns dos escritores belacruzenses, homens e mulheres que, por meio da escrita, preservam a memória, a cultura e as histórias que nos formam como povo. Suas obras registram vivências, tradições e sentimentos que atravessam gerações, fortalecendo a identidade local e valorizando nossa produção cultural. Celebrar o município é também reconhecer e homenagear aqueles que transformam nossa história em palavras.

Vozes Mélicas
Autor: Plauto Araújo
É um livro poético que traz verdadeiras confissões e relatos de sentimentos íntimos do autor que levam o leitor a mergulhar no próprio mundo interior. Tipo de escrita que agrada aos amantes da literatura contemporânea, devido ao seu estilo natural.

O poder visível dos invisíveis
Autora: Maria Rocha
Clara nasceu no Nordeste do Brasil. Sofreu preconceito e discriminação por ser: mulher, negra, pobre, nordestina, divorciada. Apesar de ser feliz ao lado dos filhos que criara sozinha, conservava uma tristeza. Todavia, o destino os coloca no caminho um do outro e ambos dão novos significados as suas vidas.

Os invisíveis são muitos homens e mulheres que, mesmo considerados em tal situação, os seus poderes são bem visíveis e úteis.

Resgatando as raízes cristãs
Autora: Maria Neuma de Vasconcelos Carvalho
Livro que surgiu da ideia de resgatar a ação missionária cristã na construção da fé do povo e da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, fundamentando o progresso e a história de Bela Cruz. É um relato que apresenta fatos e personagens que contribuíram para a formação histórica da comunidade belacruzense.

Miúdo ensaio sobre estética belacruzense

Cajueiro-mor

I

Caduca, na esquina da Matriz, aquele prédio!
Silenciosas, indagam-se as novas gerações: que é isso?
A que serviu? Elas não sabem. Ninguém lhes explica.
O prédio, outrora festim daquela municipalidade, corrói-se no tempo.
Nada se faz, ninguém se prontifica…
(os antigos sócios, senhores egoístas, amam vê-lo na decrepitude!)
Vazio — sem alegria, sem razão.
Passam-se os cônegos e os mandatários…
Quem velará por ele?
Alvorada é utopia, sonho — ou apenas prédio?
Ninguém sabe!

II

Naquela sala habitava a memória daquele cônego.
Uma vida inteira dedicada a este rincão não lhe valeu sequer uma única sala.
Aquele prédio — do qual se incumbiu de receber a doação —
não pode sequer ser a morada
daqueles pequenos pertences
que contam toda a sua vida oblativa
por esta cidade.
Onde estão as coisas do padre? Onde estão?
Em caixas? No molhado? No seco?
No museu? No canto?
Ninguém sabe.
A sala continua vazia.

III

Naquela última gôndola da prateleira da Biblioteca jaz O Caju!
Será que é lido?
Trabalhoso será abaixar-se para alcançá-lo…
Não, não — talvez ninguém o leia.
Os volumes acima são mais fáceis de alcançar…
Comenta-se O Caju? Discute-se O Caju?
Sem rodas de leitura, resta o silêncio.

IV

Naquela relva, outrora Igreja de Santa Cruz, jaz Manoel Vaz.
Não há inscrição, não há sequer a cruz.
Não se entoa o Réquiem, não se celebra sequer a Missa,
qual nos tempos imemoriais.
Os ossos, engolidos pela terra, perdem-se na antiga lembrança
de uma distante Bela Cruz.

V

Não chores, Lousada!
Não chores! O Caju está aqui.
Ele te consola, qual esposo colhe as lágrimas da esposa.
Tua casa caducou, mas a esperança
não se recusa a partir?
Resta, ainda, a parede que, naqueles anos eternais,
vislumbrou, em chuvoso dia, esta terra engatinhar,
qual criança pequenina os primeiros passos.

VI — Epílogo

Não há casa, não há sequer digna habitação para a memória desta terra!
Locada, a casa de nossa memória caduca e extraviam-se,
aos poucos, nossos bens.
Sicrano diz: “Isso é meu!”.
Beltrano rebate: “É da família!”.
Fulano arremata: “Quem se importa! Eu nem queria estar aqui!”.
Não há casa: há desolação.

A Bela que nem sempre é bela, mas é nossa

Amassadora de polpa

Somos da Bela. Da Bela dos amores, dos certos, dos errados, dos frustrados, dos clandestinos e dos bandidos. Da Bela onde se ama demais, se erra demais e se comenta tudo demais. Somos da cidade onde os segredos nunca couberam em voz alta. Já fomos a cidade dos prefeitos que subiam e caíam como sapos em poça rasa, puxando uns aos outros pelo desespero do poder. Queriam o cargo, nunca a prosperidade. Queriam o palanque, nunca o chão. E o povo? O povo sempre assistiu, comendo poeira, promessa e silêncio. Somos da terra dos padres luxuosos, que enriqueceram com o dízimo dos pobres, vivendo uma fé que não cabia na sacristia nem na consciência. Mas também somos da terra de padres que amaram e amam Bela Cruz sem terem nascido nela. Já tivemos freiras de caridade: algumas distantes do próximo, outras tão próximas que pareciam a própria encarnação do Messias andando de sandália simples, cuidando de quem ninguém queria ver. Aqui é a terra da fofoca. Esqueça o ditado “onde há fumaça, há fogo”. Em Bela Cruz, muitas vezes, onde há um desocupado, há incêndio. A cidade já queimou inúmeras vezes em boatos, calúnias e maldades gratuitas. Fofoca aqui não é passatempo, é arma, é linchamento moral, é desastre social. Somos da terra dos bons e dos maus. E, ironicamente, às vezes os maus ocupam o espaço que o Estado deixa vazio. Aqueles, com pulseira no tornozelo, defendem quem não têm quem os defenda, enquanto a polícia não chega, não vê ou não age. Contradição? Não. É o retrato cru de uma ausência institucional. Somos da terra de bons frutos e boas raízes, mas também de frutos podres vindos de raízes amargas. Aqui, seu sobrenome fala antes de você. Alguns brilham por herança; outros já chegam manchados por histórias que não viveram, mas carregam. Em Bela Cruz, o passado senta à mesa, puxa a cadeira e opina sobre o presente. Hoje fala-se muito de saúde, dieta, corrida, ciclismo. Entrou a moda fitness, entrou a selfie suada, entrou o tênis caro. Mas o que ainda não entrou, ou entrou pouco, foi o caráter, a empatia, a mão estendida ao próximo. Falta poesia. Mas falta mais humanidade. E os caranguejos abandonados? E as crianças em ambientes inapropriados, machucadas no corpo e na alma? E os cães largados nas ruas e os gatos envenenados? E a APAE, esquecida, sobrevivendo mais de resistência do que de apoio? Aqui se abandonam crianças, instituições, causas. Fecham-se os olhos para o que dói, tapam-se os ouvidos para as mazelas. Somos da Bela. Que nem sempre é bela. Que, às vezes, é cruel, pequena, injusta e dura... Que expulsa alguns, prende outros, mas sempre chama de volta.

Somos da Bela
que nem sempre é
bela, mas é nossa.

Há artistas que nascem do silêncio atento do mundo. Giuliano Eriston é uma voz que atravessa geografias, afetos e linguagens. Não é apenas técnica: é experiência. Nesta entrevista ao Jornal O Caju, Giuliano fala de Jericoacoara, da poesia, da arte como ofício profundo e da música como destino. Entre memórias, reflexões e projetos, ele revela um artista que entende o palco como extensão da vida e a canção como forma de pensamento. Mais do que a história de uma vitória, esta é a narrativa de um percurso. E de um olhar sensível sobre o mundo.

Entrevista com Giuliano Eriston

I) Giuliano, você nasceu em Bela Cruz e ainda muito cedo foi morar em Jericoacoara. De que forma essa mudança influenciou sua formação musical e sua visão de mundo?

A ida para Jericoacoara foi muito importante para expansão da minha noção musical e visão de mundo. Por ser um lugar de grande circulação de pessoas do mundo todo, pude espiar pedaços da cultura de outros lugares através dos relatos dos turistas que eu conhecia e com a música foi parecido, porque músicos que vinham de outro lugar e traziam informações e vivências novas foram para mim uma enorme fonte de aprendizado.

II) Jericoacoara é um ponto de encontro de culturas e artistas do Brasil inteiro. Como foi conviver, ainda tão jovem, com músicos renomados e o que essa experiência acrescentou à sua identidade artística?

Como lá realmente já passaram muitos artistas incríveis, eu tive a chance de vê-los de perto e às vezes até ter um contato mais direto, de poder conversar e isso foi muito enriquecedor porque para além dessas pessoas saberem muitas coisas importantes sobre o ofício da arte delas, a experiência de vida e o repertório cultural que um artista renomado carrega é valioso, por ter acesso a situações muita diversas e andar por cantos que normalmente não se vai se não for através da arte. Então, ter tido a chance de desde cedo ver de perto essas pessoas, com certeza ajudou muito a moldar quem sou como artista e pessoa.

III) Antes do grande público te conhecer, você já participava de festivais importantes. Qual foi o momento nesses festivais em que você percebeu que a música seria de fato o seu caminho?

A música sempre foi meu caminho, sinto que fui escolhido por ela e não o contrário. Obviamente, ter tido uma família que sempre apoiou, fez toda a diferença e talvez não tenha me feito perceber o quanto pode ser árduo esse caminho da arte e o quanto eu teria que afirmar minha vontade se quisesse seguir na música; mas, ao mesmo tempo, tudo aconteceu de forma tão espontânea, sempre tive muita facilidade em aprender o que eu quisesse na música. Então, desde muito cedo, já estava apto a tocar profissionalmente e meio que fui ingressando no meio sem perceber, ao ponto de que, com 13 anos, já estar ganhando meu próprio dinheiro. Então, como falei, sinto que fui escolhido e não o contrário.

IV) Vencer o The Voice Brasil, um dos maiores programas musicais do país, é um marco enorme. Como você descreve essa experiência — desde os bastidores até o instante em que seu nome foi anunciado como campeão?

Vencer o The Voice foi uma coisa muito inesperada, confesso que não tinha ido com o propósito de vencer, mas sim de me expor mais uma vez em rede nacional para que a partir dali eu pudesse dar início a uma carreira que fosse mais minha, com a minha cara e minhas ideias. Mas, daí fui passando, etapa por etapa e cada vez mais surpreso com o andamento da coisa e, quando me dei conta, estava na final, com um monte de gente do Brasil todo torcendo por mim - especialmente Bela Cruz e as cidades do Vale do Acaraú que fizeram uma enorme diferença na votação, acredito eu - até o momento que o André Marques anunciou meu nome como vencedor. Eu fiquei por meses lembrando daquele momento e me espantando, incrédulo com o fato de que aquilo tinha de fato acontecido.

V) Muita gente comenta que o The Voice revela talentos, mas a carreira após o programa é ainda mais desafiadora. O que mudou na sua vida profissional e pessoal depois da vitória?

Muita coisa mudou profissional e pessoalmente, após a vitória do The Voice. A princípio me assustou muito a enxurrada de pessoas que vieram falar comigo e eu, que nunca fui de negar conversa nem para um bêbado passando na rua, fiquei exausto com a tarefa de dar atenção a todo mundo; então, comecei a ficar mais distante das pessoas respondendo em um ritmo em que eu não me sentisse tão pressionado. A princípio, muita gente estranhou, mas depois foi ficando mais administrável. Agora, profissionalmente muitas portas foram abertas, mas realmente percebi que o buraco seria bem mais embaixo para me consolidar no mercado da música e é isso que tenho feito ultimamente, num ritmo brando mas constante.

VI) Hoje você mora no Rio de Janeiro e circula por importantes espaços culturais da cidade. Como tem sido essa fase, os shows, as conexões e a recepção do público carioca?

Morando aqui no Rio de Janeiro sinto que tenho sido muito bem acolhido, apesar de não fazer tantos shows por aqui quanto faço em outras partes do país, são poucos mas especiais e sinto que tenho encontrado um público que entende melhor os meus anseios artísticos. O Rio é uma cidade muito grande; então, tem gente para tudo quanto é gosto e aqui sinto que a adesão ao que se chama de MPB e que é o estilo que toco, é muito maior do que na maioria dos lugares que toquei no Ceará, então tenho realmente sentido que por aqui vai ser mais fácil desenvolver a carreira nesse segmento.

VII) Além da música, você é apaixonado por poesia e literatura. Como essas linguagens influenciam sua forma de compor e interpretar? Há autores que te acompanham como referências?

A paixão pela poesia vem desde a adolescência quando li um compilado de poemas do heterônimo Alberto Caeiro de Fernando Pessoa. Me identifiquei muito com aquela maneira de ver o mundo na época e entendi naquele momento a força que a maneira como se emprega as palavras pode ter. Isso ficou marcado em mim e me fez atentar mais para dimensão literária e poética dentro da canção. Obviamente o meu contato com a poesia não se compara ao que tive com a música, portanto não tenho um vasto repertório de poetas para citar, mas gosto muito de Carlos Drumond de Andrade, Matilde Campilho, Patativa do Assaré, Manoel de Barros e do nosso conterrâneo Nicodemos Araújo.

VIII) Sua obra mistura regionalidade, modernidade e uma forte carga emocional. Como você definiria, para quem ainda não te conhece, o "som" de Giuliano Eriston?

O meu som é uma mistura de ritmos brasileiros como forró, samba, maracatu cearense, com ritmos estrangeiros como a valsa, o chamamé e a balada. Nas letras eu busco relatar situações em que as mais diversas pessoas possam se identificar, mas também relato dramas pessoais, questões existenciais, situações fictícias, tudo com muita ternura.

IX) Você veio de um interior cearense, passou por Jericoacoara, percorreu festivais, conquistou o Brasil pela TV e hoje vive no centro cultural do país. Como enxerga essa jornada e que mensagem deixaria para jovens artistas que sonham em trilhar um caminho semelhante?

A mensagem que eu deixaria para as pessoas que estão ingressando no ofício é a de que não subestimem a profundidade da arte, sempre vai ter o que aprender e essa é a grande graça. As supostas conquistas não devem ser o maior objetivo, mesmo elas sendo um grande combustível, mas no final o que sustenta a vontade tem que ser a paixão e entrega a essa coisa infinita que é a arte, porque isso sim vai levar longe, seja geograficamente, seja internamente com suas próprias questões.

X) Para finalizar, o que o público pode esperar dos seus próximos projetos? Há novos álbuns, parcerias ou experimentações vindo aí?

Tem um novo álbum meu vindo aí. Ele trará muitas experimentações sonoras novas, eu canto em outras línguas e trato de assuntos diferentes. É um Giuliano mais colorido, eu diria, mais solar e extrovertido. Já tem um novo single no ar chamado Gosto do gesto, que é uma das músicas que estará no disco, vocês podem conferir.

Maria Lisbão: uma mulher antes da estatística. Quando o feminicídio ainda não tinha nome.

Há máquinas que trituram frutas. Outras trituram histórias. E existem cenas domésticas, discussões banais, promessas de reconciliação, facas comuns, ruas comuns, dias comuns. É assim que a morte se disfarça de cotidiano.

O feminicídio não é um fato isolado, nem um desvio da normalidade: é uma engrenagem que se repete.

No Ceará, ano após ano, dezenas de mulheres são assassinadas por homens com quem mantinham vínculos afetivos, familiares ou de convivência. São números que crescem, estatísticas que se acumulam, gráficos que sobem, mas que escondem, atrás de cada dado, um corpo, um nome, uma história interrompida. Por trás das taxas, existem rostos e por trás dos relatórios, existem vozes que não puderam mais falar. E por trás da palavra "feminicídio" há violências que não fazem barulho de engrenagem, mas moem lentamente a vida das mulheres, todos os dias, em silêncio social.

Muito antes de o termo existir, muito antes de leis, tipificações e delegacias especializadas, uma dessas histórias já havia acontecido em Bela Cruz. Não entrou em estatísticas nacionais, não virou gráfico, não foi manchete de grande jornal. Mas ficou gravada na memória da cidade, como uma ferida aberta no tempo.

O nome dela era Maria Lisbão. E sua morte, em janeiro de 1970, é uma dessas narrativas que ajudam a entender que, antes dos números, sempre houve vidas. Antes das políticas públicas, sempre houve mulheres. E antes das estatísticas, sempre houve sangue no chão. E sim, esta sou eu. Amassando a polpa, porque o suco tem que sair.

A MORTE DE MARIA LISBÃO

Marcos Aurélio

Maria Lisbão e Pedro Alcântara, mais conhecido como Pedro Filó, haviam se conhecido há um tempo e resolveram se casar no dia 07 de dezembro de 1969, em um casamento comunitário realizado durante os festejos de Nossa Senhora da Conceição, em Bela Cruz.

No dia 05 de janeiro do ano seguinte, o casal, já com um filho recém-nascido, depois de uma discussão, acabou se separando, e Maria Lisbão e seu filho foram para a casa de sua mãe, que ficava na localidade de Tabubas, a uma distância aproximada de dois quilômetros do centro da cidade.

No dia 06 de janeiro de 1970, por volta de nove horas da manhã, Maria Lisbão retornava, na companhia de sua mãe, do centro da cidade de Bela Cruz, com um pouco de carne de porco e leite para o filho, que estava com apenas 32 dias de nascido.

No retorno, ao passar pela casa do Senhor Gabriel, na Rua do Sol, Pedro Filó, que havia ali amolado sua faca, estava à sua espera. Rapidamente, ele a acompanhou e saíram conversando, como se estivessem querendo fazer as pazes. Ao se aproximarem do Córrego-da-Mata, Pedro Filó a atacou pelas costas, atingindo-a com uma facada. Ela tentou reagir, pois era uma mulher de corpo robusto, mas foi lesionada com outros golpes, que atingiram vários lugares e, principalmente, a região da barriga e da genitália. Além disso, sempre que a golpeava, ele virava a faca para aumentar a lesão.

Algumas pessoas falam em 17 facadas, mas nada foi confirmado oficialmente.

Sua mãe tentou socorrê-la; porém, Pedro Filó a ameaçou, dizendo que, se ela se aproximasse, ele a mataria também. Diante disso, ela saiu correndo, aos gritos, pela rua pela qual tinha vindo, à procura de ajuda.

Próximo ao local, D. Chiquinha Miguel e Maria Matias, que estavam lavando roupas à margem do córrego, viram tudo sem poder fazer nada. Ficaram apavoradas. Após esfaqueá-la, o assassino correu pela mata e desapareceu. Os gritos de Maria Lisbão ecoavam naquela região, enquanto se contorcia no chão por entre os pés de salsa.

Rapidamente, várias pessoas começaram a se aproximar; contudo, nada podiam fazer, pois as lesões eram múltiplas e mortais. Perdendo sangue rapidamente, ela dizia que estava com sede e queria beber. No entanto, ninguém queria lhe dar água, pois sabiam que isso seria prejudicial nas circunstâncias em que se encontrava. Uma mulher que estava amamentando retirou um pouco de leite em uma colher e colocou na boca da moribunda.

Ainda caída no solo e consciente de sua situação, pediu que fossem buscar o padre, pois queria se confessar antes de morrer.

Uma pessoa foi à procura do Pe. Odécio, que veio imediatamente em seu jipe e a confessou ali mesmo, caída ao solo, onde, em suas últimas palavras, ela perdoou seu algoz. O vigário, tremendo bastante, pediu que não a deixassem ali no chão e que a levassem para algum lugar.

Damião Alves Rodrigues, que estava ali, ofereceu sua casa, que ficava localizada na esquina da Rua Ancelmo C. Vasconcelos com a Rua Domingos Aguiar, para que levassem a pobre mulher. Rapidamente, baixaram a porta traseira do carro do padre e colocaram cuidadosamente Maria Lisbão, deixando ali no solo as marcas do crime sanguinolento. Em seguida, o Padre Odécio guiou lentamente o carro até a casa oferecida. Ao chegarem ao local, colocaram uma porta sobre duas cadeiras, fazendo uma espécie de maca, onde colocaram a mulher, que, em pouco tempo, fechou os olhos e faleceu. Era por volta de dez horas da manhã.

As pessoas ali presentes colocaram uma moeda na boca da falecida, pois, segundo a crença, isso não deixaria que o assassino conseguisse fugir e acabaria por fazê-lo se entregar. Se isso é verdade ou não, o que se sucedeu foi que o assassino foi visto por uma pessoa conhecida por Nacional (Geraldo Inácio), escondido na região da vargem, por trás de uma oiticica, ainda coberto de sangue e com a arma do crime em mãos. Ao ser indagado, falou que tinha feito uma besteira: que tinha matado Maria Lisbão e que queria se entregar. Nacional foi à procura da polícia e contou onde Pedro Filó estava, informando que ele queria se entregar.

Por volta de sete horas da noite, a polícia o encontrou já próximo à cidade e, assim, foi preso. Pedro Filó pediu à polícia para levá-lo até onde o corpo da falecida estava sendo velado, mas o pedido foi negado imediatamente. Pedro Filó foi encaminhado para Acaraú, onde sua pena.

A morte de Maria Lisbão causou grande comoção em toda a cidade, e logo a trágica morte e o sofrimento vivido por ela começaram a ser vistos como algo divino. João Quirino fez uma promessa com a alma dela e logo foi atendido. Assim, os irmãos Quirino mandaram construir um pequeno memorial no local onde aconteceu o fato, e algumas pessoas passaram a rezar e pedir por intercessão à alma de Maria Lisbão. A fama de intercessora e as conversas sobre graças alcançadas por meio da ajuda da alma da falecida se espalharam rapidamente, fazendo com que cada vez mais pessoas visitassem o local de sua morte.

Hoje, devido às obras na rodovia, seu pequeno memorial foi mudado alguns metros adiante e, por se tratar de um local de difícil acesso, as visitas diminuíram. Por fim, seria de extrema importância para a memória cultural de nossa cidade que as autoridades construíssem um memorial de fácil acesso no local exato onde Maria Lisbão faleceu, para que sua memória jamais seja esquecida e para que mais pessoas possam conhecer sua história e praticar suas crenças.

Bela Cruz também é de escritores infanto-juvenis

Como conquistar uma garota

Autora: Alana Júlia

Lívia Gramp não é a maior fã de coisas mal resolvidas, pois sabe que, uma hora ou outra, elas sempre voltam para atormentá-las, sabe também que mal resolvido é pouco para definir o que existe entre ela e Thomas Barreto, seu ex-melhor amigo. A garota está disposta a resgatar a amizade que tinham — mesmo que sua mãe sempre diga que a filha estragou as coisas com o garoto — e encontra a oportunidade perfeita quando descobre que Thomas está apaixonado por uma colega de sala deles.

Para saber como termina essa história, o ebook está disponível na Amazon.

O laço entre três mentes

Autora: Luana Géssica Freitas Rocha

Sophie é uma adolescente de 17 anos que nasceu na Coreia do Sul, mas vive no Brasil. Ela tem esse nome graças ao seu pai, que gosta muito da cultura nova-iorquina. Seu melhor amigo, Na Han-Ju, gosta muito dela e até estuda em sua sala, junto também do seu crush: Kim Sa-Ram. Essa história cheia de confusões vai levar você mais longe do que o começo aparenta contar. Então, prepare-se para conhecer o verdadeiro caos da adolescência de nossa protagonista.

Livro disponível na Biblioteca Municipal Professor Nicácio

Entre a Hóstia e a Máscara

Prof. Vicente Jr (Escritor e Membro efetivo da ACLP)

Muito antes de ser ázimo pão, a hóstia já foi carne. Antes de dormir silenciosa em cálice de ouro, sobre o altar, e saltar para nossas bocas, ela mugiu, baliu, sangrou e fumegou sob o sol impiedoso de Roma. Hóstia, ao pé da letra, significa "vítima", pois, em bom latim, era o animal escolhido para ser dado em sacrifício aos deuses, prioritariamente os da guerra.

A hóstia, depois de amarrada, era surrada por uma manhã inteira, adornada, conduzida em procissão e posta no altar. Ali, a hóstia recebia ritualisticamente o golpe mortal de um sacerdote repetindo-se um gesto milenar — dar algo da Terra em troca dos favores do Céu. Some-se a isso, embora haja dúvida sobre o fato, a ação de jogar farinha de trigo sobre a hóstia aberta. Curiosamente, na maioria das vezes, a hóstia era um cordeiro que, depois de estripada e sangrada, era também servida aos convivas. Uma brutalidade! *Ave, sacrificium!* Registre-se: o mais puro paganismo!

Ainda na esteira desse politeísmo, e graças aos antigos rituais fúnebres egípcios, em tempo, africanos, vieram as máscaras, *cum cera* ou *sin cera*, e disso nascem a sinceridade (sic), o Teatro e o Carnaval, em rituais dionisíacos, condenados inicialmente pela Igreja, mas que depois foi resgatado como um tipo de "autorização" para o desregramento, ou seja, para o pecado. O Carnaval (carne vale, festa da carne...) revela o melhor e o pior do ser humano! A falsidade, o jogo de esconder. Nos dois casos, tanto o uso da máscara quanto a sangria da hóstia não eram mentira nem crueldade, mas linguagem: um diálogo solene (embora popular) entre o homem e suas divindades.

Tempos depois, graças ao medo de Constantino, o Cristianismo espalhou-se pela Terra, mais na Europa e nas Américas, com seus mandamentos, seus dogmas, seus livros, seus apóstolos, seus ritos e símbolos com várias mudanças ou atualizações... mas...

deixando intocável o maior deles: a hóstia, o Cordeiro, que costuma nascer em 25 de dezembro, receber presentes, fugir, peregrinar, virar menino deus, ensinar nos templos e desaparecer... para voltar anos depois e, aos 33, ser preso, hostilizado, surrado e sangrado na Sexta-feira Santa, confirmando-se como hóstia ou vítima de todos nós. Segue-se a isto um abismo nietzschiano de 40 dias e 40 noites, que se abre à nossa frente para uma ampla reflexão sobre as máscaras que usamos e as vítimas que fazemos.

Hoje, neste mundo de símbolos e ainda de deuses, a palavra imorredoura, como resíduo ou mentalidade, permanece... mas a hóstia não mais sangra; ela é branca, leve, um quase nada, levada ao alto, como os corações na missa, mas carrega o peso histórico e cultural de todas as outras vítimas. Presa no céu da boca, os que são verdadeiramente inocentes têm até medo de mordê-la na missa... para não ferir com os dentes, na Quarta-Feira de cinzas, o corpo santo de Cristo. Um bom Carnaval reflexivo a todos!

Joca Lopes: o artesão do múltiplo e a poética silenciosa de Bela Cruz

Há homens que passam pela história como quem risca a superfície do tempo; outros, mais raros, entram nela como quem a esculpe por dentro. Joca Lopes — João Venceslau Araújo — pertence a essa segunda espécie: não fez alarde de si mesmo, mas deixou impressa, em Bela Cruz, uma marca que não se apaga porque se confundiu com a própria matéria da cidade.

Nasceu em 27 de janeiro de 1906, no Ceará ainda rural, ainda poroso à convivência entre o sagrado, o trabalho manual e a invenção cotidiana. Filho do Capitão Miguel Lopes de Araújo Costa e de D. Maria José de Araújo, cresceu sob o signo de uma disciplina que não abafou o espanto, antes o organizou. Talvez daí venha essa inteligência polimorfa — palavra justa e, ainda assim, insuficiente — que o levou a ser escultor, compositor, desenhista, xilógrafo, pintor, artesão de instrumentos musicais e, curiosamente, cultor de charadas, enigmas e logogrifos: formas populares de pensamento simbólico, jogos da linguagem que revelam um prazer íntimo com a arquitetura do sentido.

Joca Lopes não foi apenas um artista: foi um artífice da cultura. E isso faz diferença. Porque o artífice não cria para si, mas para o uso comum — ainda que esse uso seja espiritual, estético, silencioso. Ao fundar, em 1933, ao lado de Nicodemos Araújo e Manoel Fonteles, o jornal Alvorada, impresso na gráfica O Acaraú, Joca Lopes não apenas inaugurava um periódico: inaugurava um gesto.

Um gesto de crença na palavra impressa como forma de iluminação coletiva. Não é gratuito o nome Alvorada: havia ali uma convicção quase pedagógica de que a cultura é sempre um amanhecer.

No mesmo ano, cria o Salão de Leitura. Poucos anos durou, é verdade, mas o tempo não mede a importância das coisas. Importa o que se acende, não quanto tempo permanece aceso. Aquele salão foi, para muitos jovens de Bela Cruz, uma primeira porta aberta para o mundo dos livros, das ideias, da imaginação disciplinada. Joca Lopes parecia saber que a cultura não é ornamento: é instrumento de consciência.

Sua atuação política, como vice-prefeito em duas legislaturas, não o afastou da arte; antes, a complementou. Porque há uma política silenciosa, feita de pedra, de papel, de música, de arquitetura simbólica. Em 1938, à frente da Conferência Vicentina, ao lado de Emílio Fonteles, edifica a Igreja de São Vicente de Paulo, inaugurada em 1941. Não se trata apenas de um templo religioso, mas de um espaço de sociabilidade, de rito, de memória coletiva. Joca Lopes entendia — talvez intuitivamente — que a arte também é abrigo.

O mesmo se diga do Prédio dos Marianos, hoje Centro Pastoral Monsenhor Odécio: mais uma construção onde o gesto estético se alia à função comunitária. Sua escultura, sua arquitetura, sua música não buscavam o museu: buscavam o chão.

Como professor de música do Instituto Imaculada Conceição, Joca Lopes transmitiu mais do que técnica: transmitiu uma ética da escuta. A música, em sua vida, não era espetáculo, mas formação. Não é casual que tenha sido também autor do Hino de Bela Cruz, em parceria com o poeta João Damasceno Vasconcelos. O hino é, talvez, a forma mais explícita dessa fusão entre arte e pertencimento: canto coletivo que transforma a cidade em voz.

Há, contudo, um traço que humaniza e tensiona sua figura: sua admiração pelos grandes poetas do passado e sua convicção — dita sem ironia — de que “a poesia chegou ao apogeu com Luís de Camões e depois dele decaiu”. A frase, em si, pode soar conservadora. Mas lida com atenção, revela outra coisa: não um desprezo pelo novo, mas uma reverência radical pela forma, pela densidade, pela exigência da linguagem. Joca Lopes não rejeitava a poesia moderna; exigia dela grandeza. Sabia que a poesia não é ornamento verbal, mas construção, gravidade.

Talvez por isso nunca tenha buscado projeção fora de Bela Cruz. Sua obra não pede holofotes: pede permanência. Viveu como quem compreende que a verdadeira vanguarda, em certos lugares, é manter viva a chama do essencial.

Joca Lopes faleceu em 4 de junho de 1995. Mas a morte, nesse caso, é apenas um dado cronológico. Porque há homens que continuam atuando depois de mortos, não por mitificação, mas por utilidade. Cada pedra que assentou, cada nota que compôs, cada jovem que leu um livro graças ao seu Salão de Leitura, cada celebração sob o teto que ajudou a erguer — tudo isso ainda acontece.

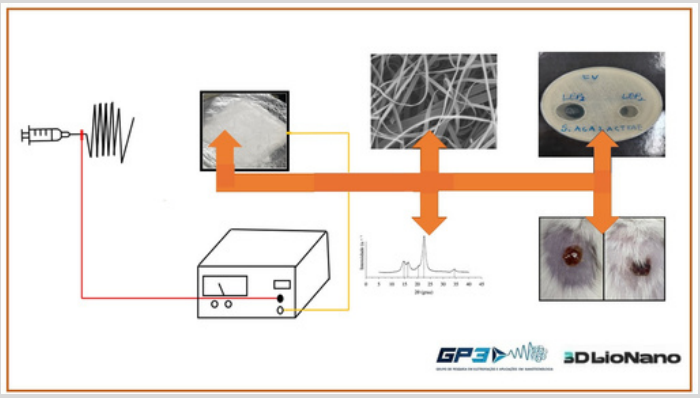
E talvez seja essa a forma mais alta de arte: não a que se pendura na parede do tempo, mas a que se mistura ao cotidiano, tornando-o mais respirável. Joca Lopes não escreveu manifestos. Escreveu, por assim dizer, uma cidade.

Vicente Freitas Liot

Breve Trajetória de um (não tão) jovem Belacruzense nos caminhos da Ciência

Eu, professor Francisco Fernando Silveira, natural de Bela Cruz, iniciei meus estudos na antiga Escola de Primeiro Grau (EPG) de Bela Cruz, atual E.M.E.F. Monsenhor Odécio. Desde muito novo, fui sempre curioso sobre o universo e como as coisas funcionavam, gostando muito de ler tanto obras da literatura, quanto livros e revistas científicas disponíveis na biblioteca da escola. Livros de literatura infantil, como a coleção do Sítio do Pica-Pau amarelo, chamavam atenção, não só pelas aventuras, mas por trazer temas como aritmética, ciências, história geral e do Brasil e também geografia. A ficção científica desde cedo me atraiu e ajudou a criar minha conexão com a ciência. Tive uma infância equilibrada, revezando meus horários de estudo com brincadeiras e um pouco de televisão, pois minha saudosa vó Rita (in memorian) só permitia assistir em um pequeno intervalo de tempo diário. Depois de alguns anos, consegui uma bolsa estudantil para estudar no Instituto Imaculada Conceição, atual Colégio Imaculada Conceição - IIC. Nesta época, morando com meus pais, me deslocava da Timbira para a escola de bicicleta, sempre contando com o incentivo deles e, apesar das poucas condições financeiras, não mediam esforços para adquirir fardas e livros didáticos, quase sempre comprados com o dinheiro da venda de crochês por minha mãe ou do bar de meu pai. No IIC vivi bons momentos e fiz grandes amizades, incluindo professores marcantes, como professor Fabiano, hoje colega de profissão, que teve papel fundamental em minha escolha por esse curso no vestibular da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Na UVA, tive bons professores, incluindo o prof. Dr. Dráulio Sales, que sempre me incentivou a seguir na carreira acadêmica e ali tive a certeza que queria seguir com um sonho: ser mestre e também doutor em ciências. Durante o ensino superior, tive experiências na iniciação científica e também na docência, sempre conciliando as disciplinas com a atuação em sala de aula, bem como os estudos preparatórios para o mestrado e, ao fim de 2015, vieram os resultados: aprovações em algumas seleções de pós-graduação no Ceará (UFC) e São Paulo (UNICAMP e USP), optando pela UFC devido à proximidade a minha casa. No mestrado, aprofundei meus estudos em química e desenvolvi um trabalho com a síntese de uma molécula contendo o metal denominado rutênio e uma espécie química chamada de óxido nítrico, a qual tinha sido descoberta o seu papel no processo de regulação da pressão arterial alguns anos antes. Nesse meio tempo, fui aprovado em alguns concursos públicos, como professor da SEDUC-CE, do Instituto Federal do Pará-IFPA, Instituto Federal Fluminense-IF e também Instituto Federal do Piauí-IFPI, onde trabalho no ensino médio e no curso de Licenciatura em Química, participando da formação de novos professores, proporcionando os primeiros contatos dos alunos com a iniciação científica e a docência. No IFPI realizo pesquisas relacionadas a: uso de modelos impressos em 3D (átomos, moléculas, tabela periódica) como facilitadores no ensino de química; produção de materiais didáticos no ensino (cartilhas, mangás, jogos lúdicos).

A percepção de professores e alunos quanto à utilização desses materiais tem sido investigada e os resultados têm culminado na publicação de artigos e capítulos de livros sobre esses temas. Ademais, pesquiso materiais com capacidade de capturar poluentes de ambientes, aquáticos, tendo sido convidado a publicar 2 artigos em revistas da Inglaterra com essa temática. No presente, tenho seguido o sonho de minha avó, que era ver o neto ser doutor e, muito embora não esteja mais viva, sigo tentando conseguir esse objetivo, estando cursando doutorado em ciências dos materiais na Universidade Federal do Vale do São Francisco-UNIVASF, trabalhando com uma técnica relativamente simples e de baixo custo, denominada eletrofiação, na obtenção de materiais nanométricos de aplicação biomédica, os quais têm uma espessura cerca de 10 mil vezes menor que um fio de cabelo. Neste trabalho, estou desenvolvendo uma espécie de curativo inteligente, que contém fármacos para o tratamento de feridas, em especial relacionadas às diabetes. Esse material, que está em estudo, ao identificar condições de infecção, tem a capacidade de liberar de forma prolongada o fármaco apenas no local da ferida, evitando assim superdosagens desnecessárias. Aqui, despeço-me deixando uma mensagem aos jovens belacruzenses de que a educação transforma e que um filho de agricultores semianalfabetos pode tornar-se um doutor!



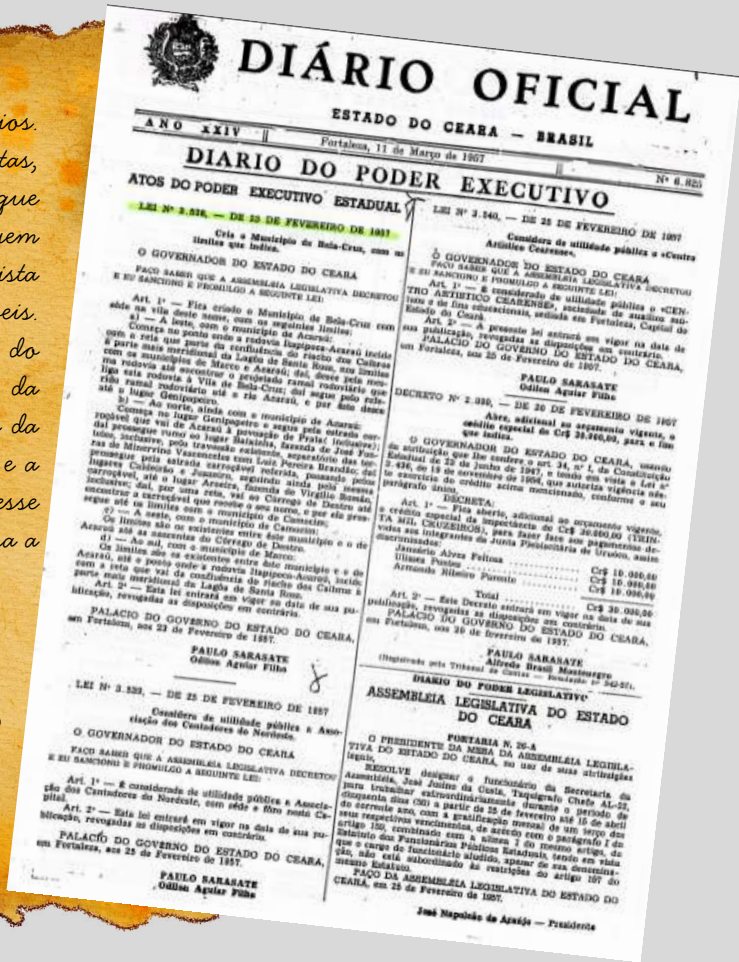
Esquema das etapas de produção dos nanomateriais de aplicação biomédica: desde a obtenção do material aos experimentos em laboratório e testes *in vitro* e *in vivo* (com animais).

Há narrativas que não pedem celebração, pedem circulação. A de Fernando não se fecha em si: ela atravessa salas, atravessa gerações, reaparece nas mãos inquietas que folheiam livros sem saber ainda que ali começa uma mudança, e nos olhares que, aos poucos, aprendem que o mundo não é dado — é construído. Que cada jovem belacruzense leia este relato como quem encontra um espelho possível: não para se ver igual, mas para se ver capaz. Porque a ciência, no fundo, não é um lugar — é um movimento. E começa, quase sempre, com uma pergunta simples:

"e se eu tentar?"

Nesta edição, O Caju atravessou histórias, vozes e territórios. Falamos de gente que escreve a cidade sem tinta oficial: artistas, educadores, pesquisadores, mulheres que resistem, memórias que insistem em permanecer. Cada página foi construída como quem recolhe fragmentos de uma mesma paisagem — Bela Cruz vista por dentro, com suas dores, invenções, afetos e futuros possíveis. Encerramos esta edição com um documento do Diário Oficial do Estado do Ceará, não por acaso. Ele nos lembra que, antes da poesia, houve decreto; antes da memória, houve registro; antes da cidade vivida, houve cidade instituída. Entre a letra fria da lei e a polpa quente da vida, O Caju escolhe existir exatamente nesse intervalo: onde a história deixa de ser apenas documento e passa a ser experiência.

Para além do impresso, *O Caju* seguirá também em versão digital, ampliando o alcance dessas narrativas e permitindo que mais leitores acessem, compartilhem e preservem este conteúdo como arquivo vivo da cidade.
Siga-nos no instagram *@jornalocaju*



DIÁRIO OFICIAL
ESTADO DO CEARA — BRASIL
ANO XXIV — Fortaleza, 11 de Março de 1957 — Nº 6.825
DIARIO DO PODER EXECUTIVO
ATOS DO PODER EXECUTIVO ESTADUAL
LEI Nº 3.236, — DE 25 DE FEVEREIRO DE 1957
Cria o Município de Bela-Cruz, com os limites que indica.
O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARA
FAÇO SABER QUE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DECRETOU E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:
Art. 1º — Fica criado o Município de Bela-Cruz com sede na vila deste nome, com os seguintes limites:
a) — A leste, com o município de Acaraú;
Começa na ponta onde a rodovia Ilapipoca-Acaraú incide com a reta que parte da confluência do riacho dos Cafetais à parte mais meridional da Lagôa de Santa Rosa, nos limites com os municípios de Marco e Acaraú; daí, desce pela mesma rodovia até encontrar o projetado ramal rodoviário que liga esta rodovia à Vila de Bela-Cruz; daí segue pelo referido ramal rodoviário até o rio Acaraú, e por este desce até o lugar Genipapeiro;
b) — Ao norte, ainda com o município de Acaraú: começa no lugar Genipapeiro e segue pela estrada carroçável que vai de Acaraú à povoação de Praias; daí entra pelo riacho, seguindo pelo travessão existente, separatório das terras de Minervina Vasconcelos com as de José Fernandes, pela estrada carroçável que liga as fazendas de Virgílio Bonfim, Cabeceira e Jaburuna, seguindo ainda pela mesma carroçável, até o lugar Arneiro, fazenda do Virgílio Bonfim, inclusive; daí, por uma reta, vai ao Córrego de Dentro até encontrar a carroçável que recebe o seu nome, e por ela desce até o limite com o município de Cariré;
c) — A oeste, com o município de Cariré;
Os limites são os existentes entre este município e o de Acaraú, até o ponto onde a rodovia Ilapipoca-Acaraú, inicia; daí, por uma reta que vai de confluência do riacho dos Cafetais à parte mais meridional da Lagôa de Santa Rosa.
Art. 2º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARA, em Fortaleza, aos 25 de Fevereiro de 1957.
PAULO SARASATE
Odilon Aguiar Filho
LEI Nº 3.239, — DE 25 DE FEVEREIRO DE 1957
Considera de utilidade pública a Associação dos Cantoneiros do Nordeste.
O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARA
FAÇO SABER QUE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DECRETOU E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:
Art. 1º — É considerada de utilidade pública a Associação dos Cantoneiros do Nordeste, com séde e fôro nesta Capital.
Art. 2º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARA, em Fortaleza, aos 25 de Fevereiro de 1957.
PAULO SARASATE
Odilon Aguiar Filho
LEI Nº 3.240, — DE 25 DE FEVEREIRO DE 1957
Considera de utilidade pública o «Centro Artístico Cearense».
O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARA
FAÇO SABER QUE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DECRETOU E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:
Art. 1º — É considerado de utilidade pública o «CENTRO ARTISTICO CEARENSE», sociedade de amadores de fins educacionais, sediada em Fortaleza, Capital do Estado do Ceará.
Art. 2º — A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARA, em Fortaleza, aos 25 de Fevereiro de 1957.
PAULO SARASATE
Odilon Aguiar Filho
DECRETO Nº 2.930, — DE 20 DE FEVEREIRO DE 1957
Abre, adicional ao orçamento vigente, o crédito especial de Cr$ 30.000,00, para o fim que indica.
O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARA, usando da autorização que lhe confere o art. 34, nº I, da Constituição Estadual de 22 de Junho de 1947, e tendo em vista a Lei nº 2.436, de 18 de dezembro de 1956, que autoriza a Lei nº 2.930, de 20 de fevereiro de 1957